

LIDERANÇA
MISSIONAL E GLOBAL
UMA JORNADA RUMO A UM NOVO
PARADIGMA NA MISSÃO DE DEUS

KIRK J. FRANKLIN
COM DAVE E DEBORAH CROUGH



Londrina/PR

CAPÍTULO 7

UMA TERCEIRA MANEIRA DE SE PENSAR NA *MISSIO DEI*

Nasci e cresci na Papua Nova Guiné (PNG), mas meus pais vieram dos EUA. Por causa disso, como muito orgulho, me identifico como um “Filho de Terceira Cultura”, ou FTC. Meus pais eram missionários tradutores da Bíblia entre os povos que falavam Kewa da PNG. Quando eu tinha três meses de idade, me levaram para a aldeia de Muli, onde cresci falando Kewa como minha primeira língua. Quando meus pais falavam comigo em inglês, eu respondia em Kewa. Manoa, o cacique, uma vez nos disse: “Quando você veio pela primeira vez, sua pele era branca, a nossa era negra e nós éramos diferentes por dentro. Agora, sua pele ainda é branca e nossa pele ainda é negra, mas nós somos iguais por dentro, porque você fala nossa língua”.

De quatro em quatro anos, meus pais me levavam de volta aos EUA para visitar amigos, mantenedores e parentes. Meu pai estudou na Austrália, então moramos lá duas vezes. Nós também vivemos por um tempo na Nova Zelândia. Portanto, como menino, eu estava indo e voltando regularmente entre diferentes países e culturas. Mas ao longo da minha vida me identifiquei e mantive minhas raízes na PNG. Parte da minha identidade é ainda papuásio, e me lembro disso toda vez que eu volto lá. Durante uma visita recente, um líder da PNG declarou sem hesitação que eu era “um de seus filhos”.

Ser um FTC me dá um grande senso de responsabilidade para usar as perspectivas que ganhei na minha educação para abordar áreas que nos mantém na missão de Deus. Por exemplo, Deus criou todas as pessoas à sua imagem (Gênesis 1:26) e, no entanto, somos todos muito diferentes uns dos outros, falando línguas diferentes, tendo diferentes culturas e vivendo com várias visões de mundo. Como transcendemos esses fatores para encontrar formas de trabalhar em conjunto que honrem o Senhor e cumpram sua visão para que sejamos um (João 17:21)?

É aqui que o ponto de vista de um FTC pode ser útil. Os FTC aprendem a navegar entre muitas culturas diferentes, muitas vezes se sentem em casa em cada uma delas.

Os FTCs podem fornecer percepções sobre a terceira maneira de se pensar, encontrando métodos inovadores de criação de terceiros espaços entre grupos de pessoas, configurações, ambientes e outros tipos muito diferentes. Desenvolver terceiros espaços nos permite viver valores do reino de Deus como membros do corpo de Cristo. Cada parte do corpo é necessária, e nosso papel tem sido garantir que o corpo seja saudável, crescente e eficaz.

Como líderes na missão de Deus, temos um papel importante a desempenhar para discernir quando e como criar novos terceiros espaços. A esse respeito, tomo emprestado as percepções de Andrew Walls, que observa uma tradição dos Maoris da Nova Zelândia que “falam do futuro como sendo atrás de nós”. Não podemos vê-lo. O passado é o que está na nossa frente. Podemos vê-lo esticado diante de nós, o mais recente, mais claramente; o mais distante, sumindo no horizonte”.¹ Em outras palavras, não podemos prever o que os terceiros espaços podem precisar para ser criados na missão de Deus. No entanto, o

que podemos fazer é seguir os conselhos de Walls e “olhar para o passado à nossa frente e ver o que sugere a respeito da maneira como chegamos e talvez ler a descrição, como em um mapa, do lugar para o qual nós fomos trazidos agora”.² Isso implica uma disposição para se adaptar e incorporar maneiras novas e transculturais de se pensar, como o Espírito Santo nos conduz.

EXISTEM NOVAS MANEIRAS DE NAVEGAR E TRABALHAR NA MISSÃO DE DEUS?

A resposta à pergunta acima configura um problema-chave explorado neste capítulo: o de usar uma escolha binária. Muitas vezes, meu próprio padrão quase inconsciente é aplicar a lógica binária, presumindo que a resposta seja “sim” ou “não”, ou talvez sim ou não, com ressalvas. E ao fazer escolhas – qualquer coisa desde qual marca de sabão usar, até planejar a estratégia da agência de missão – muitas vezes envolve um estilo de determinar “isso ou aquilo”, existem diferentes perspectivas para empregar.

Um desafio para as agências missionárias e a igreja é abordar a sugestão de que as estruturas de liderança organizacional têm “pelo menos 50 anos [e] estão estagnadas na Era Industrial”.³ Isso afeta as relações da missão, parcerias e como as discussões e as decisões são tomadas. Cada vez mais, são as terceiras maneiras de se pensar que fornecem alternativas para confiar em um processo de lógica binária para tal discussão e tomada de decisão.

Mas antes de explorar a terceira maneira de se pensar, vamos examinar alguns antecedentes do processo binário.

A LEI DA NÃO CONTRADIÇÃO

Platão postulou “três leis do pensamento”, que são fatores fundamentais para os argumentos para o raciocínio: (1) A Lei da Identidade: Duas “entidades” representadas como x e y são as mesmas se ambas tiverem “as mesmas propriedades”; (2) A Lei de Não Contradição: “Ou x ou não x é verdadeiro” sem qualquer outra opção; e (3) A Lei do Médio Excluído: “Uma entidade x tem ou não uma propriedade P . Inversamente, uma propriedade P é possuída por uma entidade x ou não é possuída por x ”.⁴

A Lei da Não Contradição significa que coisas que são opostas entre si não podem ser ambas verdadeiras ao mesmo tempo. Portanto, alguma forma de distinção precisa ser feita entre as duas. Por exemplo, para uma pergunta como: Qual é a capital da Tailândia-Bangkok ou Chiang Mai – a resposta não pode ser ambas. Não pode ser contraditória. É uma ou outra (Bangkok, e não Chiang Mai).

Embora haja abordagens não contraditórias usadas na lógica ocidental, pode-se concluir que alguns no Oriente abordam a lógica de maneira mais circular ou não binária. Alguns pesquisadores, por exemplo, sugerem que os asiáticos orientais não se comprometem necessariamente a “evitar a aparência de contradições”.⁵ Isto é, algumas culturas podem tratar as contradições de maneira diferente do método ocidental de empregar as leis de Platão.⁶

CONTRASTES E ESCOLHAS BINÁRIAS

Existe uma correlação entre a Lei da Não Contradição e a lógica binária. A palavra binário significa “consistindo ou envolvendo dois”.⁷ Na programação de computador, o meio binário usa apenas os dígitos 0 (desligado) e 1 (ligado). O binário pode aplicar-se à tomada de decisões quando se

trata de decidir entre duas alternativas. Por exemplo, uma escolha binária pode significar escolher a cor azul em vez do vermelho. A escolha binária é usada para avaliar as habilidades de raciocínio, de modo que as perguntas podem ser baseadas em verdadeiro/falso; sim/não; correto/incorreto.

Existem muitos contrastes binários na Bíblia, vários dos quais estão listados na tabela a seguir. Eles não são apresentados como escolhas por si só, mas cada um contrasta o outro:

Céu	Inferno
Luz	Trevas
Fé	Incredulidade
Bênção	Maldição
Vida	Morte
Verdade	Mentira

Exemplos de Contrastes Binários na Bíblia

EXEMPLOS BÍBLICOS DE ESCOLHAS BINÁRIAS

Jesus perguntou aos discípulos: “Quem os homens dizem que o Filho do homem é?” (Mateus 16:13-16 NVI). Os discípulos responderam dando várias possibilidades: João Batista, Elias, Jeremias ou um dos profetas. Então, Jesus perguntou: “Mas quem vocês dizem que eu sou?” Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Nessa resposta, Simão Pedro fez uma escolha binária – ele escolheu Cristo sobre as opções dadas.

Em Tiago 4:6, Deus faz uma escolha binária. Ele escolhe dar sua graça ao humilde ao invés de favorecer o orgulhoso (ele se opõe a eles).

Há também uma escolha binária que Deus dá a todas as pessoas: ao escolher a vida, as bênçãos, a luz, a salvação e Jesus, passamos por uma seleção binária e fizemos uma escolha particular. A escolha alternativa é abraçar o pecado, que segundo

Deus resulta na morte, separação eterna, escuridão e maldições.

MAIS EXEMPLOS DE ESCOLHAS BINÁRIAS

Existem muitos tipos diferentes de escolhas binárias que fazemos ou criamos quando abordamos a Bíblia, a igreja, a sociedade e até mesmo em aspectos específicos da missão, por exemplo, em relação à tradução da Bíblia. Aqui estão alguns exemplos:

Escolhas binárias que criamos a partir da Bíblia:

Qual é mais importante?

Antigo Testamento	Novo Testamento
-------------------	-----------------

Com quem Jesus estava mais feliz?

Maria (adoradora)	Marta (trabalhadora)
-------------------	----------------------

Escolhas binárias que criamos na igreja:

O que é mais importante?

Presbíteros	Diáconos
-------------	----------

Protestante	Carismático
-------------	-------------

Proclamação do evangelho	Demonstração do evangelho
--------------------------	---------------------------

Escolhas binárias na sociedade:

Qual é melhor?

Ocidental	O restante do mundo
-----------	---------------------

Urbano	Rural
--------	-------

Homem	Mulher
-------	--------

Escolhas binárias nos movimentos de tradução da Bíblia:

O que é mais importante?

Tradução da Bíblia	Desenvolvimento da linguagem
--------------------	------------------------------

Teoria	Prática
--------	---------

Tarefa	Impacto
--------	---------

Início	Fim
--------	-----

Impressa	Oral
----------	------

Exemplos de escolhas binárias

UMA DEFINIÇÃO DE MISSÃO: BINÁRIA OU NÃO BINÁRIA?

Não, não é uma pergunta complicada. Mas pode atuar como uma lembrança de quão furtivamente essa noção ou isso/ou aquilo ao invés de ambos/e pode encontrar um lugar na mentalidade da liderança da igreja e da organização. Felizmente, o campo da missiologia pode proporcionar diversas opções de entendimento para resolver essa questão. A missiologia olha o mundo da perspectiva do compromisso com a fé cristã. Seu objetivo não é a manutenção da iniciativa missionária. Ao invés disso, examina os objetivos, atitudes, mensagens e métodos do empreendimento missionário.

Com isso em mente, é necessário trabalhar ainda mais para estabelecer uma compreensão não binária da missão, a fim de difundir a tensão de longa data entre a ênfase no evangelismo ou a responsabilidade social.

Por exemplo, Van Engen oferece uma explicação provisória, na qual ele tenta acomodar várias perspectivas:

A Missão é o povo de Deus intencionalmente cruzando as barreiras da igreja para a não-igreja, da fé para a não-fé, para proclamar, por palavras e obras, a vinda do reino de Deus em Jesus Cristo; essa tarefa é realizada por meio da participação da igreja na missão de Deus de reconciliar as pessoas com Deus, consigo mesma, com o outro e o mundo, e de reuni-las na igreja através do arrependimento e fé em Jesus Cristo pelo trabalho do Santo Espírito com vista à transformação do mundo como sinal do reino em Jesus Cristo.⁸

Ao usar a lente da missiologia, a liderança pode aprender e discernir o que pode ser mais útil na consideração da prática missional. As complexidades associadas a contextos locais, regionais e globais significam que as tendências e os temas que afetam a prática podem não se encaixar perfeitamente em escolhas binárias.

A TERCEIRA MANEIRA DE SE PENSAR

Os conceitos de um terceiro lugar, cultura, mesa ou espaço não são novos. No entanto, o que pode faltar é a integração e aplicação desses conceitos para melhor compreender novos formatos de trabalho em conjunto na missão de Deus.

TERCEIROS LUGARES

Sociólogos e planejadores de cidades empregam frequentemente o conceito de um terceiro lugar. Esse é um ambiente social separado de onde se vive (primeiro lugar) e onde se trabalha (segundo lugar). Exemplos de terceiros lugares são cafés, clubes ou parques. Ray Oldenburg argumenta que os terceiros lugares são importantes para a sociedade e estabelecem sentimentos de um senso de lugar. Um terceiro lugar oferece um santuário diferente do que se encontra no local de trabalho ou em casa, onde as pessoas podem frequentemente visitar e conectar-se com amigos, vizinhos, colegas e estranhos.⁹

As qualidades que compõem um terceiro lugar incluem: são lugares neutros onde as pessoas podem facilmente ir e vir; eles são inclusivos e não requerem adesão formal; eles são de perfil baixo; eles estão abertos fora do horário normal de expediente; eles têm um “humor brincalhão”; eles fornecem “conforto e apoio psicológico”; e eles dão espaço para conversas.¹⁰

Os terceiros lugares funcionam como uma espécie de porta de entrada para os recém-chegados que conhecem aqueles que vieram antes deles. A ideia é que, nesses terceiros lugares, as pessoas já não se sentem sozinhas. Essa mistura social é necessária porque o primeiro e o segundo lugares

criam suas próprias reivindicações sobre seus participantes. Oldenburg resume o terceiro lugar como “terreno neutro” que se destina a fornecer um nível de “igualdade social”.¹¹

O avanço da tecnologia online – demonstrado pelo aumento do movimento para a Internet – significa que os terceiros lugares virtuais também são importantes, e os novos estão sendo desenvolvidos continuamente. Por exemplo, os jogos online com muitos jogadores podem estar fornecendo conexões sociais que são funcionalmente muito parecidas com terceiros lugares físicos.¹² Os defensores deste terceiro espaço argumentam que nosso mundo cada vez mais polarizado precisa de um lugar que reúne as pessoas em diferentes ideologias e preferências políticas.

TERCEIRA CULTURA E FTCs

Uma terceira cultura é a noção de uma “cultura híbrida” porque a pessoa constrói habilmente relacionamentos com “todas as culturas”, sem ter necessariamente a posse de nenhuma delas.¹³ Pode haver aspectos de cada cultura que são “assimilados” na experiência da pessoa, mas o verdadeiro “senso de pertencer” ocorre nos relacionamentos da pessoa com outros que compartilham “origens semelhantes”.¹⁴ Isso resulta em uma sensação de “desarraigamento e arraigamento em várias culturas”.¹⁵

Filho de Terceira Cultura (FTC) é um nome dado a aqueles que normalmente não pertencem a sua cultura doméstica (primeira cultura ou país de passaporte) nem sua cultura do país anfitrião (segunda cultura), mas uma cultura intermediária. Normalmente, significa que a pessoa passou uma parte substancial de “seus anos de desenvolvimento fora da cultura dos pais”.¹⁶

A origem do termo “Filho de Terceira Cultura” é atribuída a Ruth Hill Useem e John Useem, cientistas sociais que, na década de 1950, estudaram americanos (primeira cultura) que viviam na Índia (segunda cultura) como diplomatas, missionários, trabalhadores humanitários, educadores e assim por diante. Eles também encontraram expatriados de outras nacionalidades que possuíam suas próprias subculturas caracterizadas por “peculiaridades, origens ligeiramente diferentes, estilos distintivos e sistemas de estratificação”. Em outras palavras, essas comunidades expatriadas criaram seu próprio modo de vida – sua própria “cultura entre culturas” (terceira cultura) que era diferente do seu contexto indiano anfitrião, mesmo que eles compartilhassem o mesmo ambiente. Ruth Useem chamou as crianças criadas nesse contexto “Filhos de Terceira Cultura”.¹⁷

Os FTCs compartilham essas duas realidades primárias que dão forma a quem eles são: são criados em diversos “mundos culturais” à medida que vão e voltam entre suas “culturas de passaporte e do país anfitrião”; e a mobilidade é a sua norma, porque eles estão se movendo ou aqueles em torno deles estão se movendo.¹⁸ Vivendo dentro do conceito de sua terceira cultura dá-lhes um meio de identidade e capacita-os a funcionar de forma significativa.

TERCEIRAS MESAS

Como mostrei no texto de abertura do Capítulo 6, a AGW vem experimentando o conceito de terceiras mesas. Isso envolve a criação de um espaço que não seja a primeira mesa do mundo ocidental, nem a segunda mesa do Sul e do Leste global, mas, em vez disso, é um espaço neutro e compartilhado entre os dois que serve como um lugar seguro para discutir e desenvolver valores que permitem

que a comunidade missionária global trabalhe mais de perto como amigos confiáveis.

O primeiro evento da terceira mesa patrocinado inicialmente pela AGW, realizado em 2015, foi chamado de: *Leaders Journeying Together - Third Table Fórum* [Líderes Caminhando Juntos na Jornada – Fórum da Terceira Mesa]. Todd Poulter, facilitador do evento e consultor da AGW para desenvolvimento de liderança, afirma que a ideia original da terceira mesa veio de Peter Tarantal da OM International. Vinte e sete participantes de 16 países assistiram, aproximadamente divididos entre os do Ocidente e os do Sul e Oriente global.

Sem descrever completamente o processo de vários dias, o objetivo da atividade de criar uma terceira mesa foi ajudar os participantes a reconhecer e apreciar os dons que tinham, apesar de origens diferentes, em áreas como liderança, tomada de decisão, relacionamentos, orientação do tempo, uso de dinheiro, uso de poder e autoridade, etc., e trazê-los para a terceira mesa (a qual todos pudessem contribuir).

Um exemplo da troca de dons foi quando a segunda mesa ofereceu à primeira mesa o dom de “Comunidade – amigável e acessível”, explicando-o como: “Valorizamos a contribuição ou consulta coletiva, e o bem-estar da comunidade é valorizado mais do que direito(s) exclusivo(s)”. A máxima africana de “Eu sou porque somos” também foi incluída. A primeira mesa recebeu prontamente esse dom, para a surpresa e o prazer da segunda mesa. Ao aceitar o dom, a primeira mesa reconheceu que precisava de ajuda para viver e ser comunidade dentro do contexto global.

A primeira mesa ofereceu a segunda mesa o dom de “Lidar com conflito com amor e respeito em tempo hábil (ou seja, não evitá-lo ou ignorá-lo, e deixar espaço para várias

maneiras de se lidar com isso)”. A segunda mesa aceitou graciosamente o dom.

À medida que a troca de dons chegou ao fim, alguns no evento declararam que essa foi a primeira vez na memória que houve um avanço na aprendizagem e compreensão intercultural, apesar de este ser um processo relativamente simples, mas único. Foi a primeira vez que a maioria participou desse diálogo sobre o que muitas vezes são os valores interculturais sensíveis ou negligenciados.

Resumindo, o processo de troca de dons da terceira mesa proporcionou um lugar seguro para se discutir e desenvolver valores que possibilitem que as comunidades missionárias globais trabalhem de forma mais próxima. Foram criadas novas experiências espaciais e comunitárias que combinaram valores e perspectivas ocidentais e do Sul e Leste globais. O processo da terceira mesa deu a todos os participantes uma maneira de praticar um interesse genuíno em ouvir e avaliar os outros, bem como compartilhar os dons que cada um tinha para oferecer. Ao invés de ser dividido por diferenças, o processo deu aos participantes um meio de se complementar e se apreciar mutuamente.

TERCEIROS ESPAÇOS

Existem muitos exemplos de como sociólogos e teólogos usaram o conceito de terceiro espaço como metáfora para analisar as complexidades enfrentadas por um mundo globalizado.

A mentalidade do terceiro Espaço: Adam Fraser observa como o estresse da vida moderna exige um reajuste ao equilíbrio entre trabalho e vida. Tanto que o objetivo é como gerenciar a “transição entre” os espaços/papéis que as pessoas devem preencher/desempenhar.¹⁹ Por exemplo, o “Primeiro Espaço é o papel/ambiente/tarefa em que estamos

no momento. O Segundo Espaço é o papel/ambiente/tarefa em que estamos prestes a entrar. O Terceiro Espaço é o intervalo de transição entre o primeiro e o segundo espaço.²⁰ O terceiro espaço é onde um maior equilíbrio e felicidade podem ser encontrados. Em outras palavras, o terceiro espaço não é tanto um lugar físico, mas um processo mental – uma mentalidade para entrar no bom estado de espírito quando se faz a transição entre os dois espaços.

A construção social do terceiro espaço: Homi Bhabha oferece outro tipo de terceiro espaço. O primeiro espaço é ocupado pela sociedade moderna e seus valores resultantes, como a contribuição do Iluminismo ao progresso implacável e ao individualismo. Os migrantes que vêm de religiões e sociedades tradicionais e muitas vezes fechadas ou fundamentalistas ocupam o segundo espaço. A sociedade luta para integrar os dois em uma unidade homogênea, porque ambos os lados devem desistir de algo significativo. O que é necessário é o espaço intermediário ou terceiro que respeite os dois, e através do processo político, negocia o que esse espaço novo ou híbrido deve ter e como deve funcionar. Um exemplo disso em tempo real pode ser visto em várias nações, especialmente na Europa, lidando com grandes fluxos de refugiados de regiões devastadas pela guerra no Oriente Médio.²¹

A amizade do terceira espaço: conforme referido no capítulo 4, Price afirma que é necessário um terceiro espaço entre o novo colonialismo do Ocidente com sua dominação de recursos e sua hegemonia cultural (ou poder), e aqueles no Sul e Oriente global que vivem sem o poder e influência de recursos financeiros.²² Um terceiro espaço ajuda a enquadrar uma compreensão missiológica da amizade, o que aprofunda

o valor da parceria em missão. A verdadeira amizade transcultural requer um compromisso a longo prazo entre indivíduos e lugares e inclui a necessidade de compreender, respeitar, aprender e viver entre outras culturas ou religiões.

A igreja do terceiro espaço: Christopher Baker afirma que os terceiros espaços permitem “o surgimento de formas híbridas” através de um processo de “interrogação”. Em outras palavras, estamos procurando fazer as perguntas certas uns aos outros e isso, por sua vez, cria alguns terceiros espaços, que são lugares “para novas possibilidades” que “libertam” nossas mentes.²³ Esse processo foi projetado para descobrir “novos padrões de costumes cristãos e de teologia”.²⁴ Isso ajuda a negociar um terceiro espaço entre tendências “pós-coloniais” da igreja ocidental enquanto negocia seu propósito no meio do “espaço urbano pós-moderno e da sociedade civil”.²⁵ Ao invés de confiar em metodologias passadas de cima para baixo inerentes à igreja cristã, atualmente existe a necessidade de “envolver-se com uma multiplicidade de influências que agora competem uns com os outros em termos iguais”.²⁶ O terceiro espaço que traz na equação é “uma aceitação da diversidade [...] e uma vontade de abraçar o conceito de hibridez”.²⁷ Isso ajuda a igreja a superar o medo do “outro”, ou do estranho, que é o resultado da polarização de fatores socioeconômicos diferentes associados com o capitalismo global.²⁸ O que pode emergir é uma igreja do terceiro espaço com a promessa de “um compromisso de parceria e reconciliação”.²⁹ Esse terceiro espaço é necessário entre nossa cultura secular pós-moderna e as percepções da nossa cultura sobre a igreja como um clube exclusivo removido da relevância da sociedade moderna.



TERCEIROS ESPAÇOS E A TEORIA DE SISTEMAS

Coertze levanta um ponto relevante para se pensar sobre os terceiros espaços a partir da perspectiva da teoria dos sistemas:

D. S. Becvar e R. J. Becvar fornecem uma explicação básica para o significado da teoria dos sistemas. “No mundo da teoria dos sistemas [...] a noção de causalidade linear não é significativa. Ao invés disso, encontramos uma ênfase na reciprocidade [...] e responsabilidade compartilhada”. Assim, no contexto de um relacionamento em que cada pessoa influencia o outro igualmente, enquanto olhamos para essa relação de fora e procuramos entender questões ou eventos dentro do relacionamento, nós não perguntamos por que algo aconteceu, mas sim o que está acontecendo nesse relacionamento.³⁰

Uma outra maneira pela qual podemos diferenciar entre um modo de causalidade linear de funcionamento e funcionamento em um contexto de teoria de sistemas é nosso método de contar dentro de uma família, como um exemplo. Na causalidade linear, uma única pessoa, ou “espaço”, por exemplo, é contada como uma. Essa pessoa se asa e agora são duas. Eles têm um filho, e agora são três. Na teoria dos sistemas, uma única pessoa é uma. No entanto, essa pessoa se casa e agora são três. Eles têm

um filho e agora são nove. Como essa maneira de contar realmente funciona na teoria dos sistemas? Quando o homem e a mulher se casam, eles adicionam um “terceiro espaço”, ao desenvolverem uma identidade. É nesse terceiro espaço que eles aprendem a funcionar como um casal. Da mesma forma, quando uma criança nasce, a relação criança/pai cria outro terceiro espaço e a relação criança/mãe cria ainda outro terceiro espaço, o que leva a um total de nove espaços dentro dessa unidade familiar.³¹

CRISTO COMO O TERCEIRO ESPAÇO PERFEITO

Jesus Cristo é o melhor exemplo do terceiro espaço? Paulo escreve em Romanos 5:8 (NVI): “Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores”. Quando Cristo se tornou a ponte entre Deus e a humanidade, como o filho de Deus enviado para morrer e reconciliar e reunir-nos a Deus, ele se tornou – e ele continua sendo – o terceiro espaço perfeito?

O escritor de Hebreus refere-se a Jesus Cristo como “o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança.” (Hebreus 9:15 NVI). O apóstolo Paulo se refere desse modo ao papel mediador de Jesus: “Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Jesus Cristo” (1 Timóteo 2:5 NVI). Esse verso fala sobre o papel mediador que Jesus desempenha. Na metáfora do terceiro espaço, Jesus é o mediador entre Deus (o primeiro espaço) e a humanidade (o segundo espaço). Jesus ocupa esse terceiro espaço.

Vemos no relacionamento de Jesus com os samaritanos uma abordagem diferente daquela da cultura predominante. Novamente, usando a metáfora do terceiro espaço, Jesus

atua no terceiro espaço em seu encontro com uma mulher samaritana (João 4). A conversa de Jesus com ela demonstrou como o evangelho supera todas as barreiras. Jesus se torna o exemplo de entrar em um novo espaço quando ele negligenciou quatro tradições judaicas: (1) falando com uma mulher (os homens não deveriam sequer olhar para uma mulher casada em público e falar com elas); (2) relativo a uma pessoa promíscua (rabinos e homens sagrados fugiam de tais pessoas); (3) estar com um samaritano (os judeus foram proibidos de falar com samaritanos); e (4) aceitar uma bebida de uma pessoa “impura” (devido a sua menstruação, qualquer coisa que uma mulher tocou foi considerada imunda, e entregar Jesus um recipiente de água faria de Jesus impuro ao aceitá-la).

A aceitação de Jesus pela mulher de Samaria resultou em perseguir sua sede espiritual. O tratamento de Jesus sobre ela era típico de como ele via todas as pessoas – ele as elevava a uma personalidade autêntica e mostrava que eram dignos de respeito e do amor de Deus. Ela é a única pessoa nos evangelhos que recebe a honra de ouvir o Messias se identificar em primeira pessoa: “Eu sou o Messias! Eu, que estou falando com você.” (João 4:26 NVI). Esse encontro entre Jesus e a mulher de Samaria nos dá um bom exemplo de alguém (Jesus) que opera em um terceiro espaço.

A REGRA DOS TERCEIROS ESPAÇOS

Na minha experiência de fotógrafo, aprendi sobre a regra dos terceiros espaços, que se aplica ao processo de composição de fotografias. Imagine uma imagem dividida em nove partes iguais usando duas linhas verticais e duas linhas horizontais. Posicionar um objeto nos pontos de interseção dessas linhas fornece mais interesse do que

simplesmente centrar o objeto. Ao visualizar fotografias, a maioria dos olhos das pessoas vai para um dos pontos de interseção e não para o centro da imagem. Assim, usar a regra dos terceiros espaços funciona a favor dessa maneira natural de visualização, ao invés de contrária a ela.

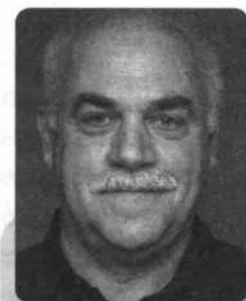
Fazendo a comparação com os terceiros espaços, esses pontos de interseção dentro de uma fotografia bem compacta formam um espaço agradável dentro de um espaço – um terceiro espaço, por exemplo, onde o fotógrafo e o objeto de sua foto, enquanto separados, descobrem um “espaço de encontro” dentro do quadro fotográfico. Esse terceiro espaço compartilhado permite uma melhor compreensão tanto do fotógrafo como do objeto de sua foto, e pode-se aprender e apreciar mais sobre cada foto devido a esse posicionamento.

Depois de 15 anos no ministério global, encontro-me buscando pontos de interseção naturais que permitam uma melhor compreensão e uma nova apreciação para os outros enquanto servimos na missão de Deus juntos.

O desafio para a liderança missional e global é encontrar os três espaços, criar a terceira mesa e discernir descobertas inesperadas e soluções que não podíamos ver claramente antes.

NEM DE UMA MANEIRA, NEM DE OUTRA

por Bryan Harmelink



BRYAN HARMELINK

Depois de completar um mestrado em Linguística pela Universidade do Texas em Arlington, Bryan serviu no Chile com a equipe de tradução Mapuche (1985-1995) e participou de inúmeros projetos de pesquisa voltados para a língua e a cultura mapuches. Após a publicação do Novo Testamento Mapuche, Bryan completou um mestrado em Estudos Bíblicos e um doutorado em Hermenêutica e Interpretação Bíblica no Seminário Teológico de Westminster. Bryan atuou como Coordenador de Tradução da Área das Américas e Coordenador de Tradução Internacional da SIL International. Atualmente, ele atua como Diretor de Colaboração com a AGW. *Bryan e sua esposa Joan vivem perto de Filadélfia, PA. Eles têm três filhos.*

Nos estudos pós-coloniais, o conceito de terceiro espaço é parte integrante dos escritos de Homi Bhabha. Ele observa que “[...] a passagem por um Terceiro Espaço” resulta em um espaço híbrido, que é “nem de uma maneira nem de outra”.³

À medida que reflito sobre este conceito de terceiro espaço, acho importante reconhecer que ele não anula a realidade de escolhas “ou isso/ou aquilo” ou de perguntas “sim/não” que fazem parte da vida cotidiana. Às vezes, no entanto, pode parecer que tudo o que temos é uma escolha “ou isso/ou aquilo”. Mas as aparências podem enganar. Por exemplo, muitas vezes não reconhecemos o quão complexo um simples desacordo pode ser. Pode não haver apenas dois lados – pode haver outra maneira de resolver um problema. É aqui que o conceito de terceiro espaço pode ser útil. Às vezes, a melhor

³Homi Bhabha, *The Location of Culture* [O Local da Cultura]. (New York: Routledge, 1994), 49.

maneira a seguir, parafraseando as palavras de Bhabha, *não é nem de uma maneira, nem de outra*, mas sim uma terceira maneira negociada.

Como um exemplo de uma terceira maneira, consideremos um ponto crítico na história da Igreja e sua missão. Havia dois lados profundamente entrincheirados no desacordo que levaram ao encontro que foi referido como o Concílio de Jerusalém em Atos 15 (NVI). Um lado afirmou claramente que os convertidos gentios deveriam ser circuncidados e obrigados a seguir a lei de Moisés (15:5), e o outro lado declarou que Deus aceitou o gentios, “dando-lhes o Espírito Santo” (15:8). Ambos os lados apresentaram ótimos argumentos para a sua posição. Os representantes dos fariseus da Judéia basearam sua posição na Lei de Moisés (15:1), mas Paulo e Barnabé argumentaram sua posição de “sinais e maravilhas que, por meio deles, Deus fizera entre os gentios” (15:12). Em defesa de Paulo e Barnabé, Tiago referiu-se à experiência de Pedro e citou os profetas para argumentar que as Escrituras predisseram exatamente o que Paulo e Barnabé reivindicavam. Para os judeus de ambos os lados dessa disputa, a Lei de Moisés não era algo a ser levado levemente, mas os sinais e maravilhas que Deus estava fazendo entre os gentios eram impossíveis de ignorar! Como um impasse dessa magnitude poderia ser resolvido?

É aqui que entra a carta escrita pelos apóstolos e presbíteros em Jerusalém. Aqui está um trecho do que eles escreveram aos crentes gentios em Antioquia, Síria e Cilícia:

Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: Que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. (15:28-29).

O que aconteceu com a insistência na circuncisão e seguindo a Lei de Moisés? Embora esses três requisitos sejam coerentes ou encontrados dentro da lei (por exemplo, Levítico 17:10-14 sobre o consumo de sangue ou a carne de animais estrangulados), certamente não são equivalentes a serem circuncidados e obedecer à Lei. Podemos também perguntar: o que aconteceu com a posição de Paulo e Barnabé de que Deus aceita gentios dando-lhes o Espírito Santo? Se for esse o caso, por que os crentes gentílicos deveriam cumprir quaisquer requisitos da Lei?

Nesse ponto, trago à memória a descrição de Bhabha sobre o terceiro espaço como “nem a única coisa nem a outra” e considero como isso descreve a carta dos apóstolos e presbíteros em Atos 15. Havia tanto o respeito pela Lei quanto o reconhecimento do dom do Espírito, mas nenhum dos lados simplesmente ganhou. O que surgiu foi uma terceira maneira negociada, uma maneira a seguir que não era a maneira dos fariseus nem a de Paulo e Barnabé.

Mas – você pode protestar – isso é diferente! O Espírito Santo os orientou para essa solução “inspirada”. É verdade que não somos os apóstolos e presbíteros dos dias de Paulo, mas o mesmo Espírito está guiando a Igreja hoje. Quando nos deparamos com questões complexas, pode parecer que existem apenas dois lados, mas que o Espírito nos dê discernimento e nos guie para olhar além das escolhas binárias usuais e encontrar uma terceira maneira a seguir.

PERGUNTAS PARA CONSIDERAÇÃO E DISCUSSÃO

1. Em seu pequeno grupo, discuta alguns exemplos de escolhas binárias que você faz em relação ao seu ministério – ou escolhas binárias feitas pela liderança no contexto de sua igreja ou agência missionária.

2. Discuta algumas ideias de terceiros espaços que possam ser úteis em seu ministério enquanto você atua em parceria com outros, ou no âmbito de sua igreja ou organização.

3. Jesus é descrito no capítulo como o melhor exemplo do terceiro espaço. No contexto do seu pequeno grupo ou equipe, descreva o que isso significa para você.